



O MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS PROSSEGUIRÁ NA SUA ACCÃO LIBERTADORA

-afirma-se num comunicado transmitido ao País

O País foi informado ao princípio da madrugada, através do Rádio Clube Português, de que as Forças Armadas haviam desencadeado um movimento contra o regime. Mais tarde, um comunicado do Movimento das Forças Armadas informou que o movimento visa a libertação do país do regime que oprime desde o golpe de Estado de 28 de Maio de 1926.

Segundo diversas emissões de estações de radiodifusão estrangeiras captadas na nossa redacção, nomeadamente o ORTF, o movimento militar pretendia também pôr fim às guerras na Guiné, Angola e Moçambique, a partir das soluções propostas pelo general António de Spínola.

O Movimento das Forças Armadas dirigiu também sucessivos apelos às forças militarizadas e policiais no sentido de se manterem nos seus aquartelamentos e de que se abstivessem de quaisquer provocações. As forças militarizadas e policiais foram também avisadas de que as Forças Armadas não hesi-

tariam em reprimir severamente qualquer tentativa de resistência, embora pretendessem evitar o derramamento de sangue.

Os comunicados das Forças Armadas insistem em que a população se deverá manter serena e evitar sair à rua. Em diversas zonas da cidade, forças militares formaram barreiras com automóveis atravessados nas ruas e impedem a circulação de veículos. Também em muitas zonas da cidade, em especial junto do Rádio Clube Português e de aquartelamentos, não é permitida a circulação de pessoas.

Apesar dos apelos dirigidos pelas Forças Armadas através do Rádio Clube Português, grande parte da população da cidade veio para a rua ou mantém-se em magotes às janelas, no desejo de acompanhar o movimento das Forças Armadas. Pode afirmar-se, no entanto, que a população civil de Lisboa se mantém tranquila, não se tendo registado qualquer tentativa de apoio ou oposição ao Movimento das Forças Armadas.

português, na Rua Sampaio Pina. Simultaneamente, era também cercada a área onde se situa o Quartel-General, em S. Sebastião da Pedreira.

Depois das quatro horas, e apenas através do Rádio Clube, que entretanto passara a transmitir marchas militares, tendo sido suprimidos os habituais programas da

madrugada, foram lidas mensagens e apelos exortando os elementos das Forças Militarizadas e Policiais (PSP, GNR e PIDE, nomeadamente) a recolherem a quartéis, aconselhando-se os respectivos comandos a usarem da «máxima prudência» a fim de ser evitada a desnecessária efusão de sangue.

Continua na pág. 12

OS COMUNICADOS DO MOVIMENTO

Estes textos dos comunicados difundidos esta manhã através do Posto de Comando das Forças Armadas (Rádio Clube Português):

COMUNICADO N.º 1

«Aqui Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas. As Forças Armadas Portuguesas apelam para todos os habitantes da cidade de Lisboa no sentido de recolherem a suas casas nas quais se devem conservar com a máxima calma. Esperamos sinceramente que a gravidade da hora que vivemos não seja tristemente assinalada por qualquer acidente pessoal para o que apelamos para o bom senso dos comandos das forças militarizadas no sentido de serem evitados quaisquer confrontos com as Forças Armadas. Tal confronto, além de desnecessário, só poderá conduzir a sérios prejuízos individuais que enlutariam a criamim divisão entre os portugueses, o que há que evitar a todo o custo.

Não obstante a expressa preocupação de não fazer correr a mínima gota de sangue de qualquer português, apelamos para o espírito cívico e profissional da classe médica esperando a sua ocorrência aos hospitais a fim de prestar a sua eventual colaboração que se deseja, sinceramente, desnecessária.»

COMUNICADO N.º 2

«A todos os elementos das forças militarizadas e policiais o comando do Movimento das Forças Armadas aconselha a máxima prudência a fim de serem evitados quaisquer recontros perigosos. Não há intenção deliberada de fazer correr sangue desnecessariamente, mas tal acontecerá caso alguma provocação se venha a verificar.

Apelamos para que regressem imediatamente aos seus quartéis, aguardando as ordens que lhes serão dadas pelo Movimento das Forças Armadas.

Serão severamente responsabilizados todos os comandos que tentarem, por qualquer forma, conduzir os seus subordinados à luta com as Forças Armadas.»

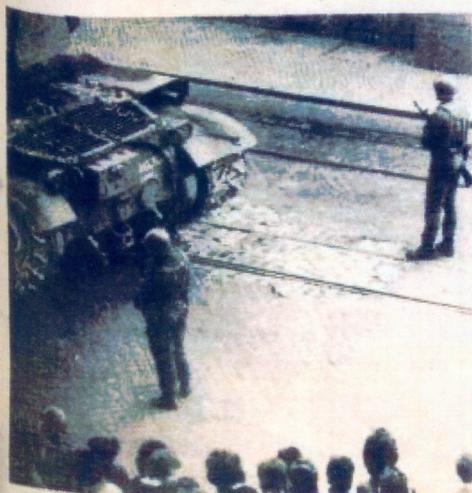
COMUNICADO N.º 3

«Aqui Posto de Comando das Forças Armadas. Informa-se a população de que, no sentido de evitar todo e qualquer incidente, ainda que involuntário, deverá recolher às suas casas, mantendo absoluta calma.

A todos os componentes das forças militarizadas, nomeadamente às forças da G.N.R., PSP e ainda às forças da DGS e da Legião Portuguesa, que abusivamente foram recrutadas, lembra-se o seu dever cívico de contribuírem para a manu-

Continua na pág. 12

Hoje 36 páginas



Esta manhã na Rua do Arsenal

A POPULAÇÃO DE LISBOA E O GOLPE MILITAR

A população de Lisboa saiu à rua, em plena Baixa, no meio de indiscutível entusiasmo quando, perto do meio-dia, terminou o esboço de luta no Terreiro do Paço entre as forças revoltosas que ali se encontravam desde as cinco da manhã e dois carros de combate que abriram fogo. As Forças do Movimento das Forças Armadas não responderam. Outros dois carros de combate teriam aderido rapidamente aos revoltosos.

Gritos de entusiasmo, flores, cânticos e milhares de pessoas saudando os militares que desfilarão pelas ruas da Baixa Pombalina, subindo até para os carros que os transportavam.

Tropas da Escola Prática de Cavalaria (Santarém), Escola Prática de Infantaria (Matra), Regimento de Engenharia 1, de Camargo e Cavalaria 7 ocuparam o Terreiro do Paço a partir das cinco horas da manhã. Na Margem Sul, forças de Vendas Novas tomaram posição no

Cristo Rei. O total das forças do M.F.A. que ocuparam o Terreiro do Paço era de cerca de 600 homens, 50 auto metralhadoras e carros de combate. Comandava essas tropas um tenente-coronel de Cavalaria 7. Inicialmente, a manobra fora comandada por um capitão.

Informações posteriores, indicavam-nos que a Marinha e a Aviação aderiram ao Movimento, embora a primeira se recusasse a abrir fogo.

Perto do meio-dia, saíram do

Terreiro do Paço três colunas militares com objectivos específicos: uma de fusilheiros navais avançou para as instalações da DGS-PIDE, na Rua António Maria Cardoso; outra avançou para o quartel da Legião Portuguesa, na Penha de França; uma terceira tomou posição junto do quartel da GNR, no Carmo, onde às 13 e 30 se esperavam início das conversações entre sitiados e

Continua na pág. 28

Diário de Lisboa

Apregoadado pela primeira vez a 7 de abril de 1921, manteve-se até 30 de novembro de 1990. A iniciativa coube ao banqueiro António Vieira Pinto, mas uns meses depois o jornal passou a ser propriedade da Renascença Gráfica, Lda. Joaquim Manso, um dos acionistas, assumiu a direção e manteve-a até 1956. Este título nasceu sob o signo das liberdades ameaçadas e pouco depois estranguladas pelo regime ditatorial do Estado Novo. Nunca lhe mereceu simpatia, pelo contrário. O *Diário de Lisboa* manteve sempre uma postura vigilante e tão crítica quanto era possível ser naquele tempo. Em abril de 74, estava instalado na rua Luz Soriano, no Bairro Alto. Era dirigido por António Pedro Ruela Ramos, e contava com uma equipa de mais de 30 redatores: Armando Pereira da Silva, Fernanda Mestrinho, José Freire Antunes, Luís Sttau Monteiro, Maria Judite Carvalho, Mário Castrim, Nuno Rocha, Urbano Tavares Rodrigues...

Como outros vespertinos, quando saiu para as bancas já a Revolução ia adiantada, dedicando-lhe 7 das 28 páginas do caderno principal. Fez manchete com os comunicados do MFA, a rendição de Marcelo Caetano no quartel do Carmo, e a assunção

do poder pelo general Spínola. Os seus repórteres fizeram a história dos principais acontecimentos em Lisboa, reproduzindo o entusiasmo que se vivia nas ruas. Noticiou o desenrolar da Revolução no país, as primeiras reações nas colónias e, em nota irónica, fez título da “Falta de quórum na Assembleia Nacional” naquele dia. A edição esgotou-se, obrigando a ativar as rotativas uma segunda vez. A edição do dia seguinte, 26 de abril, foi quase toda dedicada à Revolução, 16 das 20 páginas. O relato dos principais acontecimentos da manhã de Lisboa – apresentação do programa do MFA e da Junta de Salvação Nacional, no quartel da Pontinha (8h); ocupação de Caxias e a libertação dos presos políticos (8h30); rendição da PIDE-DGS, na rua António Maria Cardoso (9h30) – fizeram a primeira página, desenvolvendo-se por outras. A foto do “minuto zero” remetia ainda para o Largo do Carmo. Alguns episódios de resistência registados pelo país; o balanço dos mortos e feridos; a reação dos movimentos de libertação africanos; o impacto na imprensa estrangeira e nas instituições internacionais também mereceram atenção. Como na véspera, extraiu 2.^a edição.

Rita Correia

PRIMEIRAS PÁGINAS DA REVOLUÇÃO
HEMEROTECA MUNICIPAL DE LISBOA
50 ANOS DO 25 DE ABRIL

